

BOLETIM

DO

DCE LIVRE PUC - SP

abr/11/78

CONJUNTURA

Em 1977 conseguimos importantes avanços na luta por Liberdades democráticas. Desde as primeiras manifestações por ma is verbas para a educação até as manifestações em defesa dos colegas presos no 1º de Maio, dos colegas da Universidade de Ha sília e dos companheiros presos no Rio de Janeiro, conseguimos abrir um enorme espaço político através do qual os mais dife-re rantes setores da sociedade expressaram seu repúdio ao regime militar e seu anseio de liberdade.

Nesse período conseguimos, enquanto estudantes, reorga- nizar várias de nossas entidades livres, como DCE-PUC e a UEE, e demos importantes passos na reconstrução de nossa entidade nacional, a UNE.

Com espírito de consolidar essas vitórias alcançadas, é importante analisarmos de maneira crítica alguns erros que fo- ram cometidos, a fim de evitar que eles se repitam. Devido à amplitude que tomou o movimento, muitas vezes não tivemos cla- reza suficiente para saber qual a melhor forma de dar enca minha mento às nossas lutas.

Assim, no 2º semestre do ano passado, a maioria dos Cen- tros e Diretórios Acadêmicos e o próprio DCE, estavam bastante envolvidos nas lutas políticas de nível mais geral, (através de Atos Públicos, Passeatas, etc.), não dando suficiente aten- ção aos problemas que afetam^o dia-a-dia da grande maioria dos alunos (nível de ensino, anuidades, restaurante, biblioteca, etc...).

Poucas entidades aproveitaram bem o desejo de participa- ção dos estudantes, ampliando seus canais de participação, co- mo jornal, comissões culturais e atlética.

Dessa forma, apesar de haver boas discussões em sala de aula e de um número muito grande de estudantes participarem das manifestações, nem sempre isso se traduziu numa maior partici- pação nas entidades e no seu fortalecimento.

Aproveitando as experiências do ano passado, vemos que esse ano, nossa principal tarefa será o fortalecimento de nos- sas entidades representativas, o que se dará na medida em que conseguirmos desenvolver atividades que congreguem um número

considerável de estudantes. Isso significa que devemos nos esforçar no sentido de encaminhar as lutas políticas mais gerais (Constituinte, Anistia, Liberdades Democráticas, etc.) , para lelamente às nossas atividades internas. O que não pode ocorrer é encaminharmos lutas gerais em detrimento dos nossos problemas internos. Só conseguiremos avançar na solução desses problemas quando houver uma participação maior dos alunos nas discussões e na proposição de soluções para os mesmos. Para tanto, se fazem necessários canais de participação nas entidades estudantis, para assegurar o fortalecimento destas, à medida que se tornarem mais representativas.

Além da necessidade de ampliarmos as lutas internas, devemos nos preocupar também com outra questão, que não é menos importante. No ano passado, em algumas oportunidades o movimento estudantil procurou impor sua dinâmica própria aos outros setores da sociedade, que se manifestavam pelas liberdades democráticas. Isso é um erro, que só leva ao isolamento de todo o movimento, dificultando um maior comprometimento desses setores nessa luta conjunta.

Achamos que cada setor da sociedade, devido a suas características próprias, tem uma maneira particular de discutir e encaminhar problemas ligados aos seus interesses, que devemos respeitar.

Nesse momento, por exemplo, os operários tem muito menos condições de manifestar livremente seus problemas do que nós, já que a repressão nesse setor é muito maior do que a que conhecemos no nosso meio. Isso, ligado a seus problemas de trabalho, e a sua própria situação na sociedade como um todo, leva a um grau de mobilização menor e a uma dinâmica bastante diferente da nossa.

Quando se coloca o ME como vanguarda de movimento de massas, se parte de uma perspectiva incorreta, pois se parte do princípio de que os estudantes são os "profundos conhecedores da exploração do povo" e que cabe a estes, esclarecer o povo sobre o que os oprime. Essa posição só leva a termos um relacionamento paternalista com os outros setores, o que é por demais pretencioso.

Insistimos que se faz necessário o respeito à dinâmica própria de cada setor, se quisermos ampliar a frente democrática contra o atual regime.

A importância do Dia Nacional de Manifestação, em memó-

ria de Edson Luis e Alexandre Vanuch*i* Leme, realizado no último dia 28, teve como um fato positivo, a participação de alguns outros setores, apesar da precariedade quanto a sua divulgação. As discussões políticas dentro das Universidades trouxeram de volta a luta pela anistia ampla geral e irrestrita a todos os presos e perseguidos políticos, bandeira esta que hoje une uma série de setores, interessados num regime democrático. A presença de mais de 5.000 pessoas demonstra que hoje uma grande parcela da população está interessada na mudança do regime.

Para nós estudantes, foi mais um avanço em nossa organização termos realizado esta manifestação a nível nacional, pois ficou clara a ação da Comissão Nacional Pró-UNE, que coordenou os trabalhos que possibilitaram as manifestações em todo o país.

Por outro lado, ao darmos esses passos decisivos na criação da UNE, nossa entidade a nível nacional, é fundamental que não percamos de vista o estreito vínculo que essa deve ter com o conjunto dos estudantes, encaminhando nossas lutas após amplas discussões com a maioria, criando assim as condições para conquistarmos uma organização democrática, através de uma entidade representativa.



UEE

A reconstrução de União Estadual dos Estudantes de São Paulo, se dá hoje como parte do processo de intensificação das lutas populares, processo que ganhou maior impulso nos últimos anos, principalmente em 1977. Coloca-se também como parte do processo de reorganização do movimento estudantil que, por sua vez, experimentou um avanço considerável no último ano, concretizado na volta dos estudantes à cena política do país depois de um afastamento imposto pelas forças repressivas do regime no fim da década de 60 e começo de 70. Este avanço tornou possível, em agosto último, a recriação de nossa entidade estadual, permitindo que realizemos dentro de algumas semanas as eleições para a sua primeira diretoria.

Acreditamos porém, que o processo de reconstrução e fortalecimento da entidade não será fácil.

Para passarmos por este período, será necessário que a UEE renasça forte e que represente os interesses reais da maior parte do conjunto dos estudantes.

É dentro dessa perspectiva que se coloca a importância de um programa amplo, democrático, que efetivamente abarque as bandeiras políticas que hoje unificam o movimento estudantil, um programa que deve antes de tudo, procurar unir todas as forças para que seja possível tornar a UEE uma entidade forte, que corresponda aos anseios dos estudantes paulistas.

Bem sabemos as dificuldades que teremos que enfrentar e a maior delas será certamente a de evitar que a entidade seja novamente destruída pelos órgãos repressivos. Daí, a importância de uma Frente Eleitoral proposta que encaminhamos em setembro de 77 e que só agora está em vias de se concretizar, dependendo evidentemente de muitas discussões, tanto em termos do programa mínimo quanto em relação à composição da Diretoria para que ela seja representativa das diversas escolas do Estado, já que estas possuem diferentes graus de organização e mobilização.

De qualquer forma, a necessidade da unidade é hoje aceita por grande número de Entidades Estudantis do Estado, o que por si só, significa um avanço em termos organizativos e políticos.

Em relação ao programa mínimo, acreditamos que ele deverá girar em torno das bandeiras políticas que marcaram o ano de 77, ou seja: -por melhores condições de ensino, pela reconstrução de novas entidades livres e independentes, por melhores condições de vida e trabalho para a população e pelas Liberdades Democráticas. Dessa forma estaremos encaminhando essas lutas a nível estadual organizadamente, fazendo com que se amplie a participação política das entidades do Estado, como criando condições para sua recriação onde não existam. Tendo ainda a perspectiva de sempre desenvolver um trabalho que corresponda às necessidades da

maioria dos estudantes, não perdendo de vista o papel que a 1ª UEE re - criada após 68, assume no movimento nacional.

E hoje, nesse regime que reprime toda e qualquer manifestação ou ação na luta pelas Liberdades Democráticas, a reorganização do nosso movimento exige termos como preocupação principal a necessidade de unidade na luta, podendo assim contribuir para o seu efetivo avanço.

Contudo, Unidade essa, que só vai ter uma consequência completa com seus objetivos, a partir do momento que não só comprometa as entidades nesse processo de recriação da UEE, como também todos os estudantes paulistas. Para isso, se coloca como fundamental a existência de discussões, de propagandização e de um trabalho mais amplo em cada escola e em todo o Estado, no sentido de, através de um posicionamento consciente e político dos estudantes, possamos recriá-la com a força e a representatividade que o movimento estudantil paulista necessita.



OS PROBLEMAS DE NOSSO RESTAURANTE

Não é necessário ser um assíduo frequentador de nosso restaurante nem ser nenhum gastrônomo para perceber os problemas que existem no restaurante da PUC.

Basta imaginar que, de um potencial de no mínimo 5.000 alunos, a penas 300 se utilizam das refeições servidas. A grande maioria prefere jantar em casa, bem tarde da noite. Só isso demonstra o quão pouco se atende aos nossos interesses.

Os alunos que trabalham durante o dia e que fazem seus cursos à noite, os que fazem cursos em período integral e os que estudam meio período e trabalham no período seguinte, mas não têm tempo de almoçar em casa, são os mais prejudicados pelas deficiências desse restaurante.

Eis algumas das principais deficiências:

- Preço - Em termos de preço, é um dos mais caros que conhecemos, (veja último acréscimo: 44% na refeição). Em várias outras Universidades de São Paulo e de outros Estados, o preço é muito inferior. Isso tanto em relação a restaurantes universitários que recebem subvenções, como mesmo em relação a restaurantes administrados por concessionárias. Alguns produtos são inclusive tão caros quanto em bares do centro da cidade.
- Qualidade - Em relação ao preço cobrado, a refeição deixa muito a desejar. Há pouca variedade, sem nenhum critério nutritivo, a quantidade também não é suficiente, e muitas vezes temos que deixar de lado o bife muito duro ou a salada estragada.
- Espaço - No início e nos intervalos das aulas, é praticamente impossível entrar no restaurante. A saída lateral quase não é usada porque a passagem por lá é muito estreita. O atendimento, nessas condições, se torna muito demorado. Isso, aliás, chama a atenção para outros problemas. Que disposição tem um funcionário para dar bom atendimento ao final de uma jornada de 10 ou 12 horas de trabalho, além de serem mal remunerados?

Desde sua abertura, em 1971, o restaurante se mostra como um dos maiores focos de atrito entre os alunos e as firmas concessionárias. A primeira gestão foi levada pelo Setor Administrativo da PUC que, devido aos problemas que enfrentou, resolveu passar a direção às famosas firmas concessionárias em troca do aluguel do espaço físico e do material disponível, hoje em torno de 75.000,00 (Setenta e cinco mil cruzeiros). O interesse que move tais firmas a se instalarem em Universidades, nunca foi o de criar restaurantes realmente universitários, o que quer dizer: refeições nutritivas, sucos, lanches a preço acessíveis à maioria dos estudantes. Ao contrário, o esforço que fazem é no sentido de L. bur

lar os estômagos, servindo refeições e lanches que só enchem a barriga sem nenhum teor nutritivo.

Resultado: refeições ruins a preço alto.

Esses problemas não se restringem a uma ou outra concessionária, pois muitas já passaram por aqui e os problemas continuam os mesmos, já que o único interesse dos concessionários é o lucro.

O problema do restaurante está ligado às questões do custo do ensino e à questão da criação de condições para termos um ambiente de convivência universitária.

O restaurante se encaixa no mesmo caso das anuidades, taxas e sobretaxas. Da mesma forma que é um absurdo a existência de ensino pago (o acesso à educação é direito de cada cidadão, que aliás, paga para isso abusivos impostos), não podemos imaginar, dentro de uma Universidade um restaurante com fins lucrativos. O ensino, virou indústria de fazer dinheiro, e os restaurantes universitários, faturam gordos lucros às custas de estudantes que já fazem sacrifício para pagar altas anuidades, taxas administrativas, sobre-taxas e compra de livros e apostilas (inexistentes na biblioteca).

Enfrentamos esses problemas no nosso dia-a-dia na Universidade. Para resolvê-los, não adianta ficar com os braços cruzados. Esses problemas também não podem ser resolvidos por uma dúzia de iluminados, por mais boa vontade que estes tenham, só poderão ser resolvidos na medida em que todos os interessados se unirem, discutirem juntos uma proposta de solução e lutarem para que esta solução seja efetivada.

Idéias existem muitas. Já existe inclusive, projeto para construção de uma lanchonete no 5º andar do prédio novo. Mas esse projeto, bem como a solução dos outros problemas, referentes ao restaurante, não serão levados à frente se não pressionarmos os responsáveis, de forma organizada.

4º Para tanto, convocamos os alunos para uma reunião na próxima ~~ter~~ feira, dia ~~12~~¹² de abril de 1978, às 11,30h e 20.00h, no Salão Beta, na qual discutiremos juntos a questão.

REUNIÃO GERAL

12-04 - 4ª FEIRA

SALÃO BETA

11:30 hs

20:00 hs

DGE - LIVRE PUC - SP